



VER E REPARAR: A POÉTICA DO OLHAR CRÍTICO ENTRE SARAMAGO E SIMONDON NA ERA DA DESINFORMAÇÃO

Hugo Paiva Barbosa¹

Editor Responsável: Lucas Paolo Vilalta

Revisão textual: Agnes Meneghin e Tailine Hijaz

RESUMO

O artigo propõe uma leitura interdisciplinar sobre a desinformação e a educação científica em contextos digitais, articulando a filosofia da técnica de Gilbert Simondon e o romance Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago. A partir da metáfora da cegueira branca, examina-se a desinformação como forma de alienação técnica e como crise do olhar ético na sociedade hiperconectada. O texto sustenta que o enfrentamento desse fenômeno requer práticas de letramento crítico — digital, midiático e informacional — compreendidas como processos de individuação psíquica e coletiva mediados tecnicamente. Metodologicamente, adota-se um percurso hipotético-interpretativo, de natureza qualitativa e hermenêutico-comparativa, que associa categorias filosóficas e literárias por meio de

¹ Professor de Direito na UniAtenas - Sete Lagoas. Doutorando em Direito na PUC MINAS; Mestre em Direito e Inovação pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Especialista em Direito Civil e Direito Processual Civil pela Escola Brasileira de Direito; Graduado em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0465-7555>. E-mail: hugopaivabarbosa@gmail.com

Essa pesquisa foi desenvolvida com financiamento da agência de fomento Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Esta pesquisa está vinculada ao grupo de pesquisa “Direito e Razão Prática”, vinculada ao programa de pós-graduação em Direito da PUC MINAS e coordenada pelo professor Dr. Alexandre Travessoni Gomes Trivisonno.

Recebido: 17/03/2026. Aprovado: 10/06/2026

aproximações hermenêuticas entre literatura e filosofia da técnica. A análise evidencia que a superação da cegueira informacional depende da reintegração da técnica à cultura e da reeducação do olhar humano, capaz de unir o rigor científico à sensibilidade ética. Assim como em Saramago, ver torna-se um ato de resistência: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

Palavras-chave: desinformação; letramento crítico; ética da técnica; Gilbert Simondon; José Saramago.

LOOKING AND OBSERVING: THE POETICS OF CRITICAL VISION BETWEEN SARAMAGO AND SIMONDON IN THE AGE OF MISINFORMATION

ABSTRACT

This article offers an interdisciplinary interpretation of misinformation and scientific education in digital contexts, drawing upon Gilbert Simondon’s philosophy of technics and José Saramago’s novel *Blindness* (*Ensaio sobre a cegueira*). Using Saramago’s metaphor of the “white blindness,” it examines misinformation as a form of technical alienation and as an ethical crisis of perception in hyperconnected societies. The argument holds that confronting misinformation requires critical literacies — digital, media, and informational — understood as processes of psychic and collective individuation mediated by technical systems. Methodologically, the study adopts a hypothetical-interpretative and qualitative approach, combining philosophical and literary analysis through hermeneutic approximations between literature and philosophy of technics. The discussion demonstrates that overcoming informational blindness depends on reintegrating technics into culture and re-educating human perception, uniting scientific rigor with ethical sensibility. As in Saramago’s work, seeing becomes an act of resistance: “If you can see, look. If you can look, observe.”

Keywords: misinformation; critical literacy; ethics of technics; Gilbert Simondon; José Saramago.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um tempo paradoxal. Nunca na história humana houve tanta informação disponível, tantas formas de comunicação instantânea e tantas tecnologias voltadas à ampliação da visibilidade do mundo. Paradoxalmente, entretanto, essa abundância de dados, imagens e narrativas parece produzir um efeito inverso: quanto mais vemos, menos compreendemos. Como observa Crary (2014), os regimes contemporâneos de visibilidade e conectividade permanente produzem formas contínuas de captura da atenção e desgaste perceptivo, reorganizando profundamente a experiência humana do tempo, da sensibilidade e da presença.

A era digital instaurou uma nova condição perceptiva marcada por um excesso de luminosidade informacional, no qual o acúmulo de conteúdos fragmentados obscurece a capacidade de discernimento. Trata-se de uma espécie de cegueira contemporânea — não aquela provocada pela ausência de luz, mas pela saturação dela. É nesse contexto que o romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, adquire uma inesperada atualidade filosófica.

No universo narrativo de Saramago, uma inexplicável epidemia de cegueira branca se espalha pela cidade, privando subitamente os indivíduos da visão. No entanto, a metáfora construída pelo autor ultrapassa o plano biológico. A cegueira descrita na obra representa uma ruptura profunda no tecido moral e simbólico da sociedade: quando os personagens perdem a capacidade de ver, também perdem a capacidade de reconhecer o outro, de confiar, de organizar a vida coletiva e de sustentar vínculos de solidariedade. A visão, nesse sentido, não é apenas um fenômeno fisiológico, mas uma condição ética e social. Ver é, sobretudo, reconhecer — reconhecer o outro, reconhecer o mundo e reconhecer a própria responsabilidade diante dele.

Essa alegoria literária encontra ressonância no cenário contemporâneo das redes digitais. A expansão das plataformas tecnológicas transformou radicalmente a forma como os indivíduos produzem, consomem e compartilham informação. A arquitetura informacional das redes sociais reorganiza continuamente o campo da visibilidade pública por meio de algoritmos e sistemas automatizados de recomendação. Aquilo que se torna

visível ou invisível já não depende apenas da escolha humana, mas também de estruturas técnicas que filtram, hierarquizam e direcionam os fluxos informacionais. Nesse ambiente, a desinformação emerge não apenas como um problema de conteúdo falso ou enganoso, mas como um fenômeno estrutural ligado ao modo como a informação circula e se legitima na esfera digital.

A desinformação contemporânea não se caracteriza apenas pela circulação de conteúdos falsos ou enganosos, mas por um ecossistema complexo de produção, amplificação e legitimação informacional. Wardle e Derakhshan (2017) observam que o fenômeno envolve diferentes modalidades de distorção comunicacional, incluindo *misinformation*, *disinformation* e *malinformation*, articuladas por dinâmicas emocionais, econômicas e algorítmicas. Nesse contexto, as plataformas digitais deixam de operar como meios neutros de comunicação e passam a atuar como estruturas ativas de organização da visibilidade pública.

A arquitetura técnica das redes sociais, baseada em métricas de engajamento, intensificação afetiva e personalização algorítmica, favorece a circulação acelerada de conteúdos simplificados, polarizadores ou emocionalmente intensos. Como destaca Tufekci (2015), os algoritmos não apenas distribuem informação, mas moldam formas de atenção e percepção coletiva, reorganizando continuamente o espaço público digital. A desinformação, portanto, não pode ser compreendida de forma isolada do ambiente técnico que possibilita sua expansão.

Sob essa perspectiva, o problema contemporâneo não reside apenas na existência de conteúdos falsos, mas na opacidade dos sistemas técnicos que estruturam os regimes de visibilidade e reconhecimento social. A metáfora da cegueira elaborada por Saramago torna-se especialmente pertinente porque evidencia exatamente essa ruptura entre visão e compreensão: os sujeitos continuam vendo imagens, consumindo dados e compartilhando mensagens, mas já não conseguem perceber as mediações técnicas e simbólicas que organizam aquilo que aparece diante deles.

A dimensão poética da obra de Saramago não opera, neste trabalho, apenas como ornamentação literária ou metáfora ilustrativa. A poética do olhar constitui uma forma específica de produção de percepção e sensibilidade diante do mundo técnico

contemporâneo. Conforme observa Ricoeur (2005), a narrativa literária possui capacidade de refigurar a experiência humana, reorganizando simbolicamente a relação entre sujeito, tempo e realidade. Nesse sentido, a literatura não apenas representa a cegueira contemporânea, mas produz condições hermenêuticas para percebê-la criticamente.

A poética do olhar crítico refere-se, portanto, à capacidade de reconstruir simbolicamente a percepção em um contexto marcado pela saturação informacional e pela automatização técnica da visibilidade. Em Saramago, ver não significa apenas perceber imagens, mas sustentar uma relação ética com o outro e com o mundo. A literatura opera, assim, como espaço de resistência simbólica diante da fragmentação perceptiva produzida pelas dinâmicas informacionais contemporâneas.

Nesse cenário, torna-se necessário repensar a relação entre conhecimento, técnica e percepção. A desinformação não pode ser compreendida apenas como um problema comunicacional ou político; ela está profundamente ligada às transformações tecnológicas que redefinem os modos de produção e circulação do saber. As redes digitais constituem um novo ambiente técnico-cognitivo, no qual os indivíduos não são apenas usuários de ferramentas, mas participantes de ecossistemas informacionais complexos. Para compreender essa transformação, a filosofia da técnica de Gilbert Simondon oferece um referencial teórico particularmente relevante.

Simondon (1958) propõe uma compreensão da técnica que se distancia das abordagens instrumentais tradicionais. Para o filósofo francês, os objetos técnicos não são meros instrumentos externos ao humano, mas modos de existência que participam dos processos de individuação. A relação entre humanos e tecnologias não é de simples uso, mas de coevolução: os indivíduos se constituem em interação com os sistemas técnicos que produzem. Nesse sentido, a técnica não deve ser vista como uma realidade alienígena à cultura, mas como uma dimensão fundamental da própria experiência humana.

A partir dessa perspectiva, a desinformação pode ser interpretada como uma forma de alienação técnica. Quando os sujeitos deixam de compreender os processos de mediação tecnológica que estruturam o ambiente informacional, ocorre uma ruptura na relação entre cultura e técnica. O indivíduo passa a habitar sistemas tecnológicos complexos sem reconhecer os mecanismos que orientam sua percepção e suas escolhas.

Essa alienação não é apenas cognitiva, mas também ética: ao perder a consciência das mediações técnicas, o sujeito também perde a capacidade de assumir responsabilidade pelas consequências de suas ações informacionais.

É nesse ponto que a educação científica e os letramentos críticos assumem um papel central. Em sociedades mediadas por tecnologias digitais, a alfabetização tradicional já não é suficiente para garantir a participação cidadã na esfera pública. Torna-se necessário desenvolver formas ampliadas de letramento que permitam aos indivíduos compreender os processos técnicos, econômicos e simbólicos que estruturam a circulação da informação. Os chamados letramentos digitais, midiáticos e informacionais representam, assim, não apenas competências instrumentais, mas práticas de formação ética e epistemológica.

Essa transformação do ambiente informacional também pode ser compreendida à luz do conceito de capitalismo de vigilância, desenvolvido por Zuboff (2021), segundo o qual os dados comportamentais produzidos pelos usuários tornam-se matéria-prima para sistemas de previsão, modulação e controle de condutas. Nesse cenário, as plataformas digitais não apenas mediam a comunicação social, mas participam ativamente da construção de padrões cognitivos, afetivos e políticos. A crise da informação, portanto, está diretamente vinculada à crise da autonomia perceptiva dos sujeitos contemporâneos.

Ao mesmo tempo, autores como Latour (2012) demonstram que os processos de construção da verdade científica dependem de redes complexas de mediação, circulação e validação social do conhecimento. A desinformação fragiliza precisamente essas redes de confiança coletiva, dissolvendo as condições simbólicas que sustentam o reconhecimento público da ciência, da educação e do debate democrático.

O letramento crítico implica a capacidade de analisar fontes, identificar vieses, compreender as lógicas algorítmicas das plataformas e refletir sobre os efeitos sociais da circulação de conteúdos. Mais do que dominar ferramentas tecnológicas, trata-se de desenvolver uma consciência reflexiva sobre o papel da técnica na produção do conhecimento. Sob essa perspectiva, o letramento crítico pode ser interpretado como um processo de individuação psíquica e coletiva em relação aos sistemas técnicos

contemporâneos no qual o sujeito recupera a capacidade de compreender e transformar o meio tecnológico em que está inserido.

Ao aproximar a literatura de Saramago da filosofia de Simondon, este artigo propõe uma leitura interdisciplinar da desinformação contemporânea. A metáfora da cegueira branca funciona como dispositivo hermenêutico para interpretar as transformações da percepção social na era digital, enquanto a filosofia da técnica oferece as categorias conceituais necessárias para compreender as relações entre humanos, tecnologias e informação. Essa articulação entre literatura e filosofia permite explorar a desinformação não apenas como um fenômeno empírico, mas como um problema ontológico e cultural relacionado às formas contemporâneas de mediação técnica.

Nesse sentido, o objetivo central deste trabalho é investigar como a desinformação, os letramentos críticos e as práticas de resistência digital podem ser compreendidos à luz da filosofia da técnica de Gilbert Simondon, tendo como horizonte interpretativo a metáfora da cegueira elaborada por José Saramago. Parte-se da hipótese de que a desinformação contemporânea constitui uma forma de ruptura nos processos de individuação psíquica e coletiva mediados tecnicamente, na medida em que os sujeitos delegam suas mediações cognitivas a plataformas digitais sem compreender as estruturas técnicas que organizam sua percepção e experiência social.

No limite, a metáfora saramaguiana nos recorda que a verdadeira cegueira não está na falta de visão, mas na incapacidade de reconhecer aquilo que vemos. A desinformação contemporânea instala-se exatamente nesse intervalo entre visibilidade e compreensão. Reaprender a ver, portanto, torna-se uma tarefa coletiva: uma prática de reflexão crítica, uma ética da informação e, sobretudo, uma forma de resistência cultural diante da opacidade crescente dos sistemas técnicos que organizam o mundo contemporâneo.

1. METODOLOGIA

A presente pesquisa possui natureza qualitativa, bibliográfica e interdisciplinar, articulando contribuições da filosofia da técnica, da teoria crítica da comunicação, dos estudos sobre desinformação e da análise literária. O trabalho adota uma abordagem hipotético-interpretativa, partindo da hipótese de que a desinformação contemporânea

constitui uma forma de alienação técnica relacionada à opacidade dos sistemas digitais de mediação informacional.

Do ponto de vista epistemológico, a investigação fundamenta-se na tradição hermenêutico-compreensiva, inspirada na fenomenologia e na hermenêutica filosófica. Conforme observa Gadamer (1999), compreender não significa apenas aplicar um método de interpretação, mas participar de um processo histórico de produção de sentido no qual intérprete e objeto se transformam mutuamente. Nesse contexto, o fenômeno da desinformação é interpretado não apenas como problema comunicacional, mas como expressão de transformações mais amplas nas relações contemporâneas entre técnica, percepção e cultura.

O método de abordagem utilizado é o hermenêutico-interpretativo, buscando analisar criticamente os processos simbólicos e técnicos envolvidos na circulação da informação em ambientes digitais. Tal abordagem permite compreender a desinformação para além da simples presença de conteúdos falsos, examinando as estruturas sociotécnicas que condicionam a produção da visibilidade e da legitimidade informacional.

Como método de procedimento, emprega-se uma análise hermenêutico-comparativa entre os elementos simbólicos presentes no romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, e as categorias filosóficas desenvolvidas por Gilbert Simondon. A literatura é compreendida, nesse contexto, não como mera ilustração metafórica, mas como dispositivo hermenêutico capaz de revelar aspectos éticos, políticos e ontológicos da experiência contemporânea.

A opção pela interdisciplinaridade decorre da própria complexidade do objeto investigado. Como argumenta Morin (2005), os fenômenos contemporâneos caracterizam-se pela interdependência entre dimensões técnicas, sociais, econômicas e culturais, exigindo abordagens capazes de superar fragmentações disciplinares rígidas. A desinformação digital manifesta-se precisamente nesse cruzamento entre estruturas tecnológicas, práticas comunicacionais e formas de produção de subjetividade.

A técnica de análise adotada consiste na interpretação conceitual e comparativa de textos filosóficos, literários e teóricos relacionados à desinformação, aos letramentos críticos e às formas contemporâneas de mediação tecnológica. Mobilizam-se, para isso,

contribuições teóricas de autores como Simondon (1958; 2005), Han (2018; 2022), Latour (2012), Freire (1996), Kellner e Share (2007), Wardle e Derakhshan (2017) e Zuboff (2021).

A análise desenvolve-se em três níveis interrelacionados. O primeiro nível, de natureza epistemológica, examina a desinformação como ruptura nos processos de construção e legitimação do conhecimento científico. O segundo nível, de caráter ético-político, discute o papel dos letramentos críticos e da educação científica como práticas de resistência diante da fragmentação informacional. O terceiro nível, de natureza ontotécnica, investiga como as tecnologias digitais participam dos processos contemporâneos de individuação, configurando novos modos de existência e percepção social.

Sob essa perspectiva, a metodologia adotada não busca apenas descrever empiricamente o fenômeno da desinformação, mas compreender as estruturas técnicas e simbólicas que tornam possível sua emergência na contemporaneidade. Trata-se, portanto, de interpretar a crise informacional contemporânea como expressão de transformações mais amplas na relação entre humanos, técnica e produção do conhecimento.

2. LETRAMENTOS CRÍTICOS, ÉTICA E ENFRENTAMENTO DA DESINFORMAÇÃO

O enfrentamento da desinformação não é apenas uma questão técnica — é uma questão ética, estética e ontológica. Na sociedade digital, o sujeito não habita apenas um espaço informacional, mas um ecossistema técnico que molda sua percepção e, em certa medida, o constitui. Nesse sentido, compreender os letramentos críticos é compreender as condições de possibilidade do ver — e do não ver — em uma era de cegueira branca, como a que Saramago nos narra.

No Ensaio sobre a cegueira, a perda da visão transforma-se em metáfora de uma humanidade que, mesmo cercada de luz, já não enxerga o outro. Essa metáfora pode ser transposta ao contexto digital: a desinformação é a luz que cega, e o letramento crítico é o esforço de reaprender a ver — não apenas com os olhos, mas com o pensamento, a sensibilidade e a ética.

2.1 Informação, individuação e técnica em Simondon

A compreensão da desinformação contemporânea exige maior precisão conceitual acerca da noção de informação mobilizada neste trabalho. Na filosofia de Gilbert Simondon, a informação não deve ser entendida como simples transmissão de dados, conteúdos ou mensagens entre emissores e receptores previamente constituídos. Diferentemente das perspectivas clássicas da teoria da comunicação, Simondon compreende a informação como operação de individuação, isto é, como elemento capaz de desencadear processos de transformação em sistemas metaestáveis (Simondon, 2005).

A noção de metaestabilidade é central na filosofia simondoniana, pois designa sistemas que conservam tensões internas capazes de desencadear novos processos de individuação. Diferentemente de estados estáveis e fechados, os sistemas metaestáveis permanecem abertos à transformação e à reorganização estrutural (Simondon, 2005). As redes digitais contemporâneas podem ser compreendidas como ambientes metaestáveis de circulação informacional, nos quais disputas de sentido, visibilidade e reconhecimento permanecem continuamente em tensão.

Nesse sentido, a informação não existe como realidade fixa ou substância autônoma anterior aos sujeitos e aos meios técnicos. Ela emerge no próprio processo de resolução parcial de tensões e incompatibilidades presentes em um sistema em transformação. Conforme observa Simondon (2005), a individuação ocorre quando uma disparidade estrutural encontra uma solução provisória mediante uma operação transdutiva, produzindo simultaneamente novas relações, formas e organizações.

A noção de transdução, central na filosofia simondoniana, não se refere simplesmente à interação entre estruturas já constituídas, mas a um processo genético de propagação de atividade “de próximo em próximo”, no qual cada região estruturada serve de princípio para a estruturação da região seguinte (Simondon, 2005). Trata-se, portanto, de uma operação dinâmica de gênese, na qual sujeito, técnica e meio associado se transformam simultaneamente.

Sob essa perspectiva, a desinformação não pode ser compreendida apenas como circulação de conteúdos falsos ou manipulados. O problema contemporâneo envolve transformações mais profundas nos processos de individuação psíquica e coletiva mediados tecnicamente pelas plataformas digitais. Os sistemas algorítmicos reorganizam

regimes de atenção, percepção e reconhecimento social, interferindo diretamente nas formas pelas quais os sujeitos produzem sentido, constroem referências comuns e participam da vida coletiva.

A crise informacional contemporânea pode, assim, ser interpretada como uma crise dos processos de individuação coletiva. A fragmentação perceptiva produzida pelas bolhas algorítmicas, pela hiperpersonalização dos conteúdos e pela aceleração dos fluxos comunicacionais reduz os espaços compartilhados de construção simbólica da realidade. A desinformação deixa de ser apenas um problema de falsidade factual e passa a representar uma desestruturação das condições coletivas de produção do sentido e da experiência comum.

Nesse contexto, a filosofia da técnica de Simondon permite compreender que a relação entre humanos e tecnologias digitais não é exterior ou meramente instrumental. As plataformas digitais constituem meios técnicos associados que participam ativamente da formação das subjetividades contemporâneas. Compreender criticamente a técnica significa, portanto, compreender os próprios processos contemporâneos de constituição do olhar, da percepção e da experiência social.

2.2 O que são letramentos críticos

Os letramentos críticos — digital, midiático e informacional — constituem um conjunto de práticas e disposições que visam à leitura consciente, interpretativa e ética dos fluxos de informação. Não se trata apenas de dominar ferramentas, mas de compreender como a técnica participa na produção da verdade e da mentira, e de que modo as plataformas digitais operam como mediadoras cognitivas e políticas.

Segundo Kellner e Share (2007), a literacia crítica da mídia busca não apenas decodificar mensagens, mas compreender como elas se inserem em estruturas de poder e ideologia. Assim, o letramento crítico envolve competências de análise e ação, incluindo a avaliação de fontes, a identificação de vieses, a compreensão dos algoritmos e a responsabilidade no compartilhamento.

Estudos empíricos reforçam essa perspectiva. Em pesquisa publicada na *Smart Learning Environments*, Aydin (2023) demonstra que a combinação entre literacia midiática

e pensamento crítico é um dos preditores mais fortes da capacidade de identificar desinformação nas redes sociais. Como destaca o autor, “*critical thinking dispositions significantly enhance individuals’ discernment between factual and misleading content in online environments*” (Aydin, 2023, p. 11).

Assim, o letramento crítico é mais do que uma habilidade: é uma forma de consciência técnica e moral, um exercício de cidadania no campo da informação. Ele permite que o sujeito não apenas interprete o mundo, mas reinterprete a técnica que o faz ver o mundo — dimensão que, à luz de Simondon, corresponde à retomada da individuação interrompida entre homem e máquina.

Sob essa perspectiva, o letramento crítico pode ser interpretado como um processo de individuação psíquica e coletiva em relação aos sistemas técnicos contemporâneos, no qual os sujeitos desenvolvem consciência das mediações tecnológicas que participam da constituição de sua percepção, cognição e experiência social. A educação científica deixa, assim, de representar mera transmissão de conteúdos e passa a configurar uma prática de reconciliação entre cultura e técnica. Formar criticamente significa possibilitar que os indivíduos compreendam os processos técnicos que estruturam o ambiente informacional em que vivem e participem ativamente de sua transformação.

2.3 Ética da informação e da técnica

A desinformação não é um acidente da modernidade digital, mas o sintoma de uma crise ética na mediação técnica. A facilidade com que se produz, difunde e consome conteúdo gera um deslocamento da responsabilidade: o sujeito acredita que apenas reproduz, quando na verdade participa da arquitetura do engano. Como observa Han (2018), “o excesso de positividade e transparência torna-se um novo modo de violência: o indivíduo expõe tudo, mas compreende pouco”.

Nesse cenário, a ética não pode mais ser pensada fora da técnica. Gilbert Simondon (1958) já advertia que “a técnica é um modo de existência, não um conjunto de objetos”. Ser ético, portanto, é compreender a natureza co-constitutiva da relação entre humano e máquina. O homem não apenas usa a técnica — ele se individua através dela.

Essa concepção desloca o centro da ética para uma ontologia relacional: o problema não está na tecnologia em si, mas na alienação cultural da técnica, na recusa de integrá-la à cultura e de compreender sua lógica interna. Como afirma Simondon, “o erro das culturas humanas foi o de não ter reconhecido a realidade da técnica como forma de pensamento” (Simondon, 1958, p. 59).

Para Simondon (1958), a superação da alienação técnica depende da construção de uma verdadeira cultura técnica, capaz de integrar o conhecimento sobre os objetos técnicos à formação humana e social. A separação entre cultura e técnica produz indivíduos incapazes de compreender os sistemas que estruturam sua própria existência. Nesse sentido, a crise contemporânea da desinformação também pode ser interpretada como uma crise da cultura técnica, marcada pela ampliação da dependência tecnológica sem correspondente ampliação da compreensão crítica das mediações digitais.

Aplicado à era digital, esse princípio implica uma ética da mediação informacional: reconhecer que cada gesto de compartilhamento, cada “curtir”, cada “repostar” é uma forma de agir tecnicamente sobre o mundo — e, portanto, de responsabilidade ética. Assim, o letramento crítico torna-se uma forma de phronesis digital, uma sabedoria prática no espaço da informação.

2.4 Enfrentamento da desinformação

O enfrentamento da desinformação pode ser compreendido como um processo que se desenvolve em três níveis complementares e interdependentes. No plano individual, envolve o desenvolvimento de competências relacionadas à literacia digital, informacional e científica, bem como o cultivo do pensamento crítico e a prática de um compartilhamento consciente de informações. Nesse sentido, o sujeito ético não é aquele que detém todo o conhecimento, mas aquele que reconhece os limites de sua compreensão e se dispõe a investigar e refletir antes de difundir conteúdos no ambiente digital. Trata-se de uma postura marcada pela responsabilidade informacional e pela disposição para interpretar criticamente as mensagens que circulam nas redes.

No plano coletivo, o enfrentamento da desinformação depende da construção de iniciativas sociais voltadas à verificação de informações, como redes de fact-checking,

além do incentivo à transparência das plataformas digitais e à ampliação da educação midiática na sociedade. A formação de comunidades críticas capazes de analisar e discutir a circulação de conteúdos torna-se fundamental para fortalecer a confiança pública e para reconstruir ambientes informacionais mais responsáveis. Nesse sentido, a perspectiva freiriana oferece uma contribuição importante ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, indicando que o exercício da leitura crítica constitui também um ato político de emancipação e participação social (Freire, 1996, p. 22).

No plano estrutural, o enfrentamento da desinformação envolve a necessidade de discutir mecanismos institucionais e tecnológicos capazes de regular as dinâmicas informacionais das plataformas digitais. Isso inclui a revisão dos sistemas algorítmicos que favorecem a viralização de conteúdos enganosos, bem como o fortalecimento de iniciativas baseadas em descentralização tecnológica e em modelos de código aberto, que ampliam a transparência e democratizam o controle técnico da informação.

Esses três níveis — individual, coletivo e estrutural — articulam-se de maneira processual e dinâmica, podendo ser interpretados à luz do conceito simondoniano de transdução. Em Simondon (2005), a transdução designa uma operação genética pela qual uma atividade se propaga progressivamente em um domínio metaestável, estruturando cada região de próximo em próximo. Não se trata, portanto, de simples interação entre estruturas previamente dadas, mas de um processo de constituição simultânea de relações, sujeitos e meios associados. Sob essa perspectiva, o enfrentamento da desinformação pode ser compreendido como um processo transdutivo de reorganização das relações entre técnica, percepção e experiência coletiva no ambiente digital.

2.5 Relação com a metáfora do romance

No Ensaio sobre a cegueira, a perda da visão não conduz apenas ao caos físico, mas ao colapso ético e simbólico: o humano esquece de ver o outro. Como observa Saramago (1995, p. 131), “penso que não cegámos, penso que estamos cegos, cegos que veem, cegos que, vendo, não veem”.

Essa é também a cegueira da era digital: não a ausência de informação, mas a abundância que impede a visão do sentido. A mulher do médico — única personagem que

conserva a visão — encarna o papel do sujeito ético e crítico, aquele que assume a responsabilidade de ver pelos outros, de guiar, de resistir. Sua lucidez é o espelho do que o letramento crítico propõe: não acumular dados, mas mediar significados, reconstituir vínculos e reconstruir o olhar.

A experiência da cegueira em Saramago produz também uma desorganização progressiva da linguagem e dos referenciais simbólicos compartilhados. Os personagens deixam gradualmente de reconhecer padrões mínimos de convivência social, e a comunicação passa a ser atravessada pelo medo, pela desconfiança e pela fragmentação da experiência coletiva. Essa dissolução da inteligibilidade comum aproxima-se das dinâmicas contemporâneas da desinformação digital, nas quais a saturação informacional compromete a estabilidade dos referenciais públicos de verdade e reconhecimento.

A própria estrutura narrativa fragmentada de Saramago contribui para essa experiência de desorientação perceptiva. A ausência recorrente de marcações convencionais de diálogo, a fluidez contínua da narrativa e a diluição das identidades individuais reforçam literariamente a sensação de instabilidade cognitiva e perda de referenciais. Sob essa perspectiva, a narrativa de Saramago aproxima-se do que Bakhtin (2010) compreende como espaço de tensão entre vozes sociais e crises de sentido, no qual a linguagem deixa de operar como sistema estável de comunicação e passa a revelar conflitos profundos de percepção e reconhecimento coletivo. A poética do romance não apenas representa a cegueira: ela faz o leitor experimentar formalmente a crise da percepção e da orientação coletiva.

Sob essa perspectiva, a experiência literária produzida por Saramago aproxima-se daquilo que Jauss (1994) denomina transformação do horizonte de expectativa do leitor. A narrativa rompe padrões convencionais de percepção e interpretação, obrigando o sujeito a reorganizar simbolicamente sua compreensão do mundo e de si mesmo. A poética do olhar crítico, nesse sentido, não se reduz à representação estética da cegueira, mas constitui uma experiência hermenêutica de deslocamento perceptivo, capaz de tensionar os modos habituais de ver, interpretar e habitar a realidade técnica contemporânea.

Analogamente, nas redes digitais, a educação científica e os letramentos críticos formam essa “mulher que ainda vê”: uma consciência que reconhece as sombras, mas

insiste em iluminar o caminho comum. A ética da informação, neste sentido, é também uma estética da visibilidade — ver o outro, ver o erro, ver a técnica — e um ato de esperança no meio da cegueira.

3. PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA EM REDES SOCIAIS DIGITAIS

A resistência, em tempos de cegueira, é antes de tudo um gesto de visão. Em *Ensaio sobre a cegueira*, quando tudo parece perdido, a mulher do médico — única que vê — resiste não pela força, mas pelo olhar. Sua visão não é dom, mas fardo: ver o horror, a degradação e, ainda assim, permanecer humana. No contexto digital, essa personagem torna-se alegoria de um novo tipo de sujeito ético: aquele que, mesmo imerso no excesso de informação, preserva o olhar crítico, o cuidado e o discernimento.

As redes sociais, que inicialmente prometiam a democratização da palavra e o fortalecimento da cidadania, transformaram-se em espaços de disputa simbólica onde a visibilidade é poder, e o engano circula com a mesma velocidade da verdade. Nesse território, resistir significa desenvolver práticas críticas capazes de tensionar os mecanismos algorítmicos de visibilidade e circulação informacional impostos pelas plataformas digitais. Resistir é devolver à técnica sua dimensão cultural e reumanizar o olhar em um ambiente que tende à automatização da percepção.

3.1 O ambiente técnico das redes sociais

As redes digitais constituem o que Simondon chamaria de “meio técnico associado” — um sistema no qual objetos técnicos e sujeitos se co-individuam (Simondon, 1958). O sujeito não está diante da rede: ele está dentro dela. Cada curtida, comentário ou compartilhamento participa de processos de individuação psíquica e coletiva mediados pelas estruturas técnicas das plataformas digitais, nos quais o humano se prolonga nos códigos e os códigos se infiltram no humano.

Mas, quando essa relação se torna assimétrica — quando o sujeito deixa de compreender as mediações que o formam —, instala-se a cegueira técnica: o homem usa a máquina sem mais compreendê-la. Como observa Simondon, “a alienação técnica é a perda do sentido da gênese dos objetos técnicos” (Simondon, 1958, p. 63). Resistir,

portanto, significa reconhecer a tecnicidade como dimensão da existência, e não como exterioridade.

Byung-Chul Han (2022) denomina a lógica das redes de “psicopolítica”: uma forma de poder que não oprime, mas seduz; não silencia, mas hipercomunica; não proíbe, mas induz à exposição permanente. Para o autor, “o sujeito do desempenho acredita estar livre, quando na verdade explora a si mesmo” (Han, 2022, p. 29). Assim, a desinformação não apenas engana — ela captura a atenção, o tempo e a afetividade. Resistir, nesse contexto, é um ato de descolonização do olhar e do desejo.

3.2 Formas de resistência informacional

As práticas de resistência digital manifestam-se em múltiplos níveis e formas, articulando saber técnico e engajamento ético no interior das redes sociais e dos ambientes informacionais contemporâneos. Uma das dimensões centrais dessa resistência é a chamada resistência crítica, fundamentada na educação científica e no desenvolvimento dos letramentos digitais e midiáticos. Essa forma de resistência busca compreender os mecanismos que organizam a visibilidade e a opacidade nas plataformas digitais, isto é, os processos técnicos e algorítmicos que determinam quais conteúdos se tornam mais visíveis ou permanecem marginalizados.

Nesse sentido, a perspectiva freiriana permanece particularmente pertinente ao lembrar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1996, p. 22). No contexto digital, essa máxima pode ser reinterpretada no sentido de que a leitura crítica da plataforma — de seus algoritmos, dinâmicas de engajamento e lógicas de circulação — precede a leitura isolada das postagens que nela aparecem.

Outra dimensão relevante é a resistência criativa, que se manifesta no uso subversivo dos próprios meios técnicos das redes digitais. Memes, narrativas colaborativas, ironia e humor tornam-se instrumentos de crítica social, denúncia e conscientização. Nessas práticas, a criatividade funciona como forma de insurgência simbólica, capaz de transformar os próprios mecanismos de circulação de conteúdo em ferramentas de contestação cultural e política. A criação de novos formatos narrativos e expressivos

permite deslocar sentidos dominantes e ampliar a reflexão pública sobre temas sociais e informacionais.

Também se destaca a resistência coletiva, que se expressa na organização de redes de verificação de fatos, em movimentos pela transparência de dados e em iniciativas de mídia independente e de desenvolvimento de tecnologias baseadas em código aberto. Essas experiências representam formas de reapropriação técnica do ambiente informacional, nas quais os usuários deixam de ocupar apenas a posição de consumidores de conteúdos e passam a atuar como produtores ativos de sentido e conhecimento. Ao promover a circulação de informações verificadas e ao ampliar a participação pública nos processos de produção informacional, tais iniciativas contribuem para fortalecer a dimensão democrática do espaço digital.

Por fim, é possível identificar uma dimensão afetiva da resistência digital, que se opõe à cultura de hostilidade e polarização frequentemente incentivada pelas dinâmicas algorítmicas das redes sociais. Em um ambiente que tende a recompensar conteúdos conflituosos e emocionalmente intensos, práticas de empatia, escuta e cuidado tornam-se formas significativas de ação política. A valorização do diálogo e do respeito mútuo constitui, nesse contexto, uma tentativa de reconstruir vínculos sociais em um espaço frequentemente marcado pela lógica do confronto.

Essas diferentes formas de resistência articulam dimensões éticas, técnicas, simbólicas e políticas. À luz da filosofia de Gilbert Simondon, podem ser compreendidas como processos transdutivos de individuação coletiva — movimentos nos quais os sujeitos, ao interagir com os sistemas técnicos, simultaneamente os transformam e se transformam (Simondon, 2005, p. 29). A resistência digital, portanto, não consiste apenas em contestar conteúdos ou narrativas, mas em participar ativamente da reconfiguração cultural e técnica dos ambientes informacionais contemporâneos.

3.3 A individuação como resistência

A individuação, em Simondon (2005), não corresponde à simples integração entre humano e máquina, mas ao processo contínuo de constituição psíquica e coletiva dos sujeitos em relação aos meios técnicos associados. Nesse sentido, resistir à alienação

técnica implica reconstruir formas conscientes de participação nos sistemas tecnológicos que organizam a experiência contemporânea. Sob essa perspectiva, a resistência digital é uma ontologia ativa: um modo de ser que refaz a ligação entre técnica e ética.

O sujeito informado e crítico é, portanto, aquele que desenvolve uma relação reflexiva e consciente com os sistemas técnicos que participam de sua individuação psíquica e coletiva: compreende o funcionamento das redes, questiona seus algoritmos, domina suas linguagens e participa de sua transformação. “O homem só se realiza como mediador, como ser de passagem entre a natureza e a técnica” (Simondon, 1958, p. 13). A resistência é, então, esse movimento de passagem — entre o automatismo e a consciência, entre o dado e o sentido.

Assim como a mulher do médico de Saramago guia os cegos pela cidade devastada, o sujeito crítico contemporâneo guia a coletividade pela floresta informacional. Ele vê o invisível: a arquitetura das plataformas, as intenções ocultas no design da informação, os fluxos de poder que atravessam o digital. Sua visão não é privilégio, mas tarefa; não é saber total, mas compromisso com o inacabado — “ver não basta; é preciso cuidar do que se vê” (Saramago, 1995, p. 211).

3.4 Ética, técnica e o olhar do porvir

Se, em Ensaio sobre a cegueira, o fim da visão é o início de uma nova humanidade — uma humanidade que tateia, que reaprende —, talvez estejamos, hoje, na mesma travessia. A era digital, com suas promessas e ruídos, exige uma ética do porvir, fundada na interdependência entre técnica, saber e solidariedade.

Resistir à desinformação, portanto, não é um gesto isolado, mas um processo coletivo de reinvenção da sensibilidade. É redescobrir, como propõe Simondon, que “a técnica pode ser cultura, se compreendida e partilhada” (Simondon, 1958, p. 245). E, como ensina Saramago, que a visão só tem sentido quando se volta para o outro: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (Saramago, 1995, p. 9).

CONCLUSÃO

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo partiu de uma imagem literária poderosa: a cegueira branca narrada por José Saramago em *Ensaio sobre a cegueira*. Essa imagem não foi mobilizada apenas como recurso metafórico, mas como instrumento interpretativo para compreender uma condição característica da contemporaneidade: a dificuldade crescente de discernir, interpretar e atribuir sentido à informação em um ambiente digital marcado por excesso de dados, aceleração comunicacional e mediações técnicas opacas. Assim como na narrativa saramaguiana, a cegueira que se manifesta no presente não decorre da ausência de luz, mas do seu excesso — uma luminosidade informacional que, paradoxalmente, obscurece o olhar crítico.

A partir dessa metáfora inicial, buscou-se compreender a desinformação como fenômeno mais amplo do que a simples circulação de conteúdos falsos ou manipulados. A análise indicou que a desinformação deve ser entendida como uma forma de desorganização epistemológica e ética que emerge no interior de um novo ambiente técnico de produção do conhecimento. As plataformas digitais, os sistemas algorítmicos de recomendação e as redes sociais reconfiguraram profundamente as estruturas de visibilidade pública, transformando os modos pelos quais as sociedades produzem, validam e compartilham informações. Nesse novo ecossistema informacional, a verdade não desaparece, mas passa a disputar espaço com narrativas concorrentes que circulam com a mesma intensidade e velocidade.

Nesse contexto, a filosofia da técnica de Gilbert Simondon revelou-se um referencial teórico particularmente fecundo para compreender a natureza desse problema. Ao deslocar a análise da técnica de uma perspectiva instrumental para uma perspectiva ontológica, Simondon (1958) permite interpretar os objetos técnicos não apenas como ferramentas, mas como realidades que participam dos processos de individuação humana. A técnica, nessa concepção, constitui um meio de existência compartilhado entre humanos e máquinas, no qual ambos se transformam mutuamente.

Sob essa perspectiva, a desinformação pode ser interpretada como uma forma de alienação técnica. Quando os indivíduos passam a interagir com sistemas tecnológicos complexos sem compreender suas lógicas de funcionamento, ocorre uma ruptura na relação entre cultura e técnica. As plataformas digitais deixam de ser percebidas como

ambientes técnicos estruturados e passam a ser experimentadas como espaços neutros ou transparentes de comunicação. Essa opacidade das mediações tecnológicas contribui para a fragilização do pensamento crítico e para a naturalização de dinâmicas informacionais que favorecem a circulação de conteúdos sensacionalistas, polarizadores ou enganosos.

Nesse sentido, o problema da desinformação não reside apenas no conteúdo das mensagens, mas nas condições técnicas que estruturam sua circulação. A arquitetura das plataformas digitais, orientada por métricas de engajamento e visibilidade, cria incentivos para a disseminação de conteúdos emocionalmente intensos, simplificados ou controversos. Ao mesmo tempo, a fragmentação das audiências em bolhas informacionais reforça a formação de comunidades cognitivas relativamente isoladas, nas quais determinadas narrativas passam a funcionar como referências compartilhadas de verdade.

Diante desse cenário, a educação científica e os letramentos críticos emergem como instrumentos fundamentais para a reconstrução da capacidade coletiva de interpretação da realidade. Como discutido ao longo do artigo, os letramentos digitais, midiáticos e informacionais não se limitam ao domínio técnico de ferramentas ou plataformas. Eles representam, antes de tudo, práticas culturais de formação do olhar crítico — práticas que permitem aos indivíduos compreender as estruturas técnicas, econômicas e simbólicas que organizam a circulação da informação.

Desenvolver letramentos críticos significa, portanto, aprender a interpretar não apenas o conteúdo das mensagens, mas também os sistemas que as produzem, filtram e distribuem. Implica compreender que a informação não circula em um vazio neutro, mas em ambientes técnicos estruturados por interesses econômicos, modelos algorítmicos e dinâmicas de poder. Nesse sentido, o letramento crítico pode ser entendido como um processo de individuação psíquica e coletiva em relação aos sistemas técnicos contemporâneos, no qual os sujeitos recuperam a capacidade de compreender e transformar os sistemas tecnológicos que participam de sua própria constituição.

A análise também evidenciou que o enfrentamento da desinformação não pode ser reduzido a soluções puramente individuais ou puramente técnicas. Trata-se de um fenômeno que se manifesta simultaneamente em múltiplos níveis — cognitivo, cultural, político e tecnológico — e que exige respostas igualmente complexas. Nesse sentido, o

combate à desinformação envolve a articulação de diferentes dimensões: a formação crítica dos indivíduos, a construção de práticas coletivas de verificação e mediação informacional e a reflexão sobre as responsabilidades das plataformas digitais na organização do espaço público.

As práticas de resistência observadas nas redes sociais digitais indicam que, apesar das limitações estruturais desses ambientes, também existem possibilidades de reapropriação crítica da técnica. Iniciativas de verificação colaborativa de informações, projetos de mídia independente, movimentos em defesa da transparência algorítmica e formas criativas de produção de conteúdo crítico demonstram que o ambiente digital não é apenas espaço de alienação, mas também campo de experimentação cultural e política.

À luz da filosofia de Simondon (1958), essas práticas podem ser compreendidas como processos de individuação coletiva em ambientes técnicos. Elas revelam que a técnica não determina unilateralmente as formas de vida social; ao contrário, permanece aberta a processos de transformação e reinvenção cultural. A resistência à desinformação, portanto, não consiste em rejeitar a tecnologia, mas em reintegrá-la à cultura por meio de uma compreensão mais profunda de suas dinâmicas e possibilidades.

Nesse ponto, a metáfora literária proposta por Saramago adquire novamente relevância interpretativa. No romance, a personagem da mulher do médico — única que conserva a visão — não representa apenas a capacidade de enxergar, mas a responsabilidade de cuidar daqueles que perderam o olhar. Sua visão é simultaneamente privilégio e tarefa: ver implica assumir o compromisso ético de orientar, proteger e reconstruir vínculos humanos em um ambiente devastado pela cegueira.

De forma análoga, na sociedade digital contemporânea, a formação do olhar crítico também envolve uma dimensão ética de responsabilidade coletiva. Aqueles que desenvolvem competências críticas de leitura da informação tornam-se, de certo modo, mediadores culturais capazes de contribuir para a reconstrução de ambientes informacionais mais confiáveis e reflexivos. O olhar crítico, nesse sentido, não é apenas uma habilidade cognitiva, mas uma prática social de cuidado com o espaço público.

A análise realizada neste artigo permite, portanto, afirmar que o enfrentamento da desinformação exige uma transformação mais profunda da relação entre humanos,

conhecimento e técnica. Mais do que combater conteúdos falsos isoladamente, torna-se necessário reconstruir uma cultura da técnica capaz de integrar o desenvolvimento tecnológico à reflexão ética e epistemológica. Essa cultura implica reconhecer que os sistemas técnicos não são entidades externas à sociedade, mas dimensões constitutivas da experiência humana contemporânea.

Reintegrar a técnica à cultura significa, portanto, desenvolver formas de compreensão e participação que permitam aos indivíduos atuar de maneira consciente no interior dos ambientes tecnológicos que habitam. Significa também reconhecer que a produção do conhecimento científico e a circulação responsável da informação são práticas coletivas que dependem da cooperação entre instituições educacionais, comunidades científicas, plataformas digitais e cidadãos.

Nesse horizonte, a metáfora final de Saramago permanece como advertência e inspiração. O problema central não reside apenas na circulação de conteúdos enganosos, mas na opacidade das estruturas técnicas e culturais que organizam os regimes contemporâneos de visibilidade. Superar essa cegueira implica reaprender a ver — não apenas as mensagens que circulam nas redes, mas as estruturas invisíveis que organizam sua visibilidade.

Nesse ponto, a dimensão poética da obra de Saramago revela toda a sua importância filosófica. A literatura não aparece apenas como recurso ilustrativo, mas como forma de reconstrução sensível da percepção em um mundo saturado por fluxos informacionais automatizados. A poética do olhar crítico consiste precisamente na capacidade de restituir densidade humana à experiência técnica contemporânea, permitindo que os sujeitos reaprendam a perceber não apenas as informações que circulam, mas os vínculos éticos e simbólicos que tornam possível a vida coletiva.

Ver, hoje, significa compreender os sistemas técnicos que moldam o campo informacional. Significa reconhecer que cada ato de leitura, compartilhamento ou produção de conteúdo participa de processos mais amplos de construção da realidade social. E significa, sobretudo, assumir que a técnica, longe de ser uma força impessoal e inevitável, permanece aberta à reflexão crítica e à ação coletiva.

É importante destacar que este artigo possui natureza eminentemente teórico-interpretativa, razão pela qual não pretende esgotar empiricamente as múltiplas manifestações da desinformação em ambientes digitais. Investigações futuras poderão aprofundar esta análise por meio de estudos empíricos voltados às dinâmicas algorítmicas de plataformas específicas, às práticas concretas de letramento crítico e aos impactos sociopolíticos da circulação informacional em diferentes contextos digitais.

Nesse sentido, a luta contra a desinformação é, em última instância, uma luta pela reconstrução do olhar humano em um mundo tecnicamente mediado. Trata-se de um esforço de reintegração entre conhecimento, sensibilidade e responsabilidade — uma tentativa de restaurar a capacidade de ver o mundo não apenas como fluxo de dados, mas como espaço comum de significado e convivência.

Na era digital, reparar tornou-se talvez o gesto mais necessário: reparar nas mediações técnicas que estruturam a informação, reparar nas relações sociais que sustentam o conhecimento e reparar, sobretudo, na responsabilidade coletiva de preservar a possibilidade de verdade em um mundo saturado de imagens e narrativas.

Talvez seja precisamente esse o desafio ético fundamental da contemporaneidade: reaprender a ver em um mundo saturado por imagens, dados e mediações automatizadas. Não apenas ver conteúdos, mas perceber as estruturas técnicas que organizam o visível; não apenas consumir informação, mas compreender os processos que produzem verdade, reconhecimento e invisibilidade. Entre Saramago e Simondon, o olhar crítico emerge como prática de resistência contra a cegueira informacional do presente. Ver, hoje, tornou-se também um ato político de reconstrução do comum.

REFERÊNCIAS

- AYDIN, G. **Critical thinking dispositions and media literacy as predictors of detecting fake news on social media**. Smart Learning Environments, v. 10, n. 1, 2023. DOI: 10.1186/s40561-023-00248-8.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CRARY, J. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HAN, B.-C. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2018.

HAN, B.-C. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2022.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

KELLNER, D.; SHARE, J. Critical media literacy, democracy, and the reconstruction of education. In: MACEDO, D.; STEINBERG, S. (eds.). **Media literacy: a reader**. New York: Peter Lang, 2007. p. 3–23.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 2005.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SIMONDON, G. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 1958.

SIMONDON, G. **L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information**. Grenoble: Millon, 2005.

TUFEKCI, Z. Algorithmic harms beyond Facebook and Google: emergent challenges of computational agency. **Colorado Technology Law Journal**, v. 13, p. 203-218, 2015.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.